

## ***Dez na Área:*** **polêmica e preconceito contra os Quadrinhos<sup>1</sup>**

Raoni Xavier<sup>2</sup>  
Alisson Ricardo<sup>3</sup>

### **Introdução**

Recentemente um fato chamou a atenção da mídia para os Quadrinhos. O governo de São Paulo fez a compra de livros para distribuir nas escolas públicas do estado. Essa iniciativa fez parte do programa “Ler e Escrever”, promovido pela Secretaria de Educação. Entre os títulos adquiridos, estavam presentes obras de história em Quadrinhos, e dois desses títulos possuíam conteúdo voltado ao público adulto, o que gerou grande polêmica na imprensa. Eram eles: “Um Contrato com Deus”, do autor de Quadrinhos norte-americano Will Eisner; e “Dez na Área, um na Banheira e Ninguém no Gol”, coletânea de histórias que trazem como tema o futebol, organizada pelo cartunista Orlando Pedroso e com participação de diversos quadrinistas brasileiros.

Os livros seriam utilizados por professores em propostas educacionais voltadas para crianças da terceira série do ensino fundamental, com idades em torno dos nove anos. Ambos possuíam em seu conteúdo palavras de baixo calão e conotação sexual, que se mostravam inadequadas à leitura das crianças.

O álbum *Dez na Área*, editado pela Via Lettera, foi a maior vítima da polêmica, que gerou comentários preconceituosos por parte da imprensa e do governador José Serra.

Os Quadrinhos consistem num gênero de contar histórias, assim como o cinema, a literatura e o teatro. Portanto, qualquer tema pode ser abordado nas Histórias em Quadrinhos. O caso ocorrido com o álbum *Dez na Área* mostra como ainda existe certa ignorância a esse respeito por parte de alguns setores da imprensa e do governo.

Esses órgãos são formadores de opinião e o despreparo das pessoas responsáveis por eles pode alimentar pensamentos preconceituosos há muito combatidos por profissionais e pesquisadores da área de Quadrinhos.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido no Grupo de Pesquisa em Humor, Quadrinhos e Games (GP-HQG), do NAMID - Núcleo de Artes Midiáticas do PPGC/UFPB.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Educação Artística da UFPB.

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Comunicação Social da UFPB, habilitação Relações Públicas.

Para entender melhor as causas dessa polêmica, é preciso que analisemos alguns dos seus pontos nevrálgicos, a começar pelos primeiros problemas causados pelo errôneo pensamento de que Quadrinhos são feitos apenas para crianças.

### **A censura nos anos de 1940-50: Quadrinhos são só para crianças?**

Ao se elaborar critérios de classificação etária para obras, deve-se levar em conta a liberdade da manifestação do pensamento, criação, expressão e informação, sob qualquer forma, processo ou veículo. Esta classificação não deve, sob nenhuma circunstância, criar normas restritivas, o que caracterizaria a censura ao conteúdo.

A censura nos Quadrinhos teve origem nos Estados Unidos, no ano de 1954, após a publicação da obra “A Sedução dos Inocentes”, de autoria do psiquiatra Frederic Wertham. Esta obra foi a manifestação mais famosa de uma série de artigos, estudos e entrevistas de Wertham, em que ele descrevia em detalhes os “efeitos nefastos” dos gibis sobre as crianças.<sup>4</sup>

Wertham era o psiquiatra-chefe do maior hospital psiquiátrico de Nova York, o Bellevue. Entre outras realizações acadêmicas, lecionava na Universidade Johns Hopkins e na Clínica Universitária de Psiquiatria Phipps. Tais credenciais trouxeram autoridade pessoal para que ele difundisse na mídia suas conclusões sobre a influência negativa dos Quadrinhos para as crianças.

Mesmo utilizando exemplos isolados e com rigor científico questionável, Wertham conseguiu propagar a idéia de que as crianças que liam Quadrinhos apresentavam distúrbios comportamentais, tornando-se adultos desajustados socialmente (VERGUEIRO et alli, 2004). Sua ideologia, ao ser absorvida pela classe média branca americana, criou simpatizantes e seguidores que iniciaram campanhas severas contra qualquer tipo de história em Quadrinhos.

De acordo com a Revista Superinteressante<sup>5</sup> de junho de 2004, “revistas foram queimadas em público no estado de Nova York. Um comissário de polícia de Detroit, Harry S. Toy, declarou que os gibis estavam infestados de ensinamentos comunistas. Os distribuidores começaram a devolver os exemplares.

---

<sup>4</sup> Revista Superinteressante, edição 201, de junho de 2004. Disponível em: <[http://super.abril.com.br/superarquivo/2004/conteudo\\_124555.shtml](http://super.abril.com.br/superarquivo/2004/conteudo_124555.shtml)>. Acesso em 15/08/2009.

<sup>5</sup> Idem.

Toda esta campanha foi levada ao Congresso americano, que instituiu uma subcomissão de investigação dos Quadrinhos. As editoras, temendo uma regulação do governo, criaram um código de autocensura, o *Comics Code*. Este código foi ampliado pela *Comics Magazine Association of America*, que tornou a censura ainda mais rígida.

Por cerca de 17 anos, este selo limitou e regulou o que podia e o que não podia aparecer nas páginas de Quadrinhos. Esta medida gerou o desaparecimento de grande número de editoras, algumas com propostas bastante inovadoras na forma e no conteúdo da linguagem dos Quadrinhos. Direta ou indiretamente, as críticas infundadas de Wertham ganharam o mundo e geraram perseguições e regulamentações. Essa limitação criativa imposta aos Quadrinhos fez com que as histórias produzidas trouxessem um conteúdo pasteurizado, cerceado por moralismos exagerados, o que tirou o interesse do público adulto pelo potencial artístico e comunicativo do gênero.

No tocante às histórias em Quadrinhos publicadas no Brasil, a censura foi implementada através de um “código de ética” elaborado numa parceria entre a Empresa Gráfica O Cruzeiro, Editora Brasil-América, Rio Gráfica e Editora, e Editora Abril. Mesmo após muitos anos passados desde o surgimento dessas restrições, seus efeitos ainda estão presentes.

Ao longo dos anos, foi-se criando a associação entre Quadrinhos e conteúdo infantil, como se o gênero não oferecesse suporte para a veiculação de conteúdo adulto. A censura não existe mais, contudo pudemos ver, nas polêmicas recentes envolvendo Quadrinhos e educação, os resquícios desse pensamento preconceituoso e infundado. Falta de conhecimento por parte das autoridades governamentais, dos meios de comunicação e dos educadores, sobre o potencial comunicativo e artístico dos Quadrinhos.

### **Quadrinhos na Educação**

A utilização dos Quadrinhos como ferramenta pedagógica nas escolas não é um movimento recente. Desde a década de quarenta eles vêm sendo utilizados para fins pedagógicos. As primeiras incursões nesse sentido se encarregavam de transpor para a linguagem dos Quadrinhos obras clássicas da literatura mundial, como no caso da coleção *Classics Illustrated*, um sucesso de vendas, distribuída em diversos países, e que trazia

adaptações de obras de autores consagrados como Edgar Allan Poe, Charles Dickens e William Shakespeare.

Outros títulos se encarregavam de servir como introdução à biografia e conceitos de importantes figuras históricas como Einstein, Freud, Darwin e Marx. Também existiram muitos Quadrinhos que tinham o objetivo de transmitir ensinamentos religiosos e morais. Até mesmo a guerra soube aproveitar o potencial narrativo dos Quadrinhos: durante a Segunda Guerra Mundial, o governo dos Estados Unidos contratou profissionais da área para produzir manuais de treinamento para suas tropas. Esse início foi de suma importância para transformar a percepção do público a respeito dos Quadrinhos e alicerçar os novos pensamentos sobre o uso do quadrinho como veículo didático.

Mas foi só a partir da década de 1970, com o desgaste gradativo dos pensamentos preconceituosos que surgiram vinte anos antes, e com o amadurecimento das ciências da comunicação, que pesquisadores, educadores e quadrinistas começaram a perceber o real potencial didático que os Quadrinhos possuem, seja no incentivo à leitura ou no auxílio à compreensão de conteúdos do ensino regular.

Aos poucos os Quadrinhos foram se inserindo nos livros didáticos. Inicialmente eles serviam para dar suporte a textos, como um complemento de leitura. Com o passar do tempo e com o surgimento de medidas governamentais que institucionalizavam o uso dos Quadrinhos nas escolas, foram surgindo pessoas preocupadas em usar os Quadrinhos de maneira mais efetiva, não apenas como ilustração de conceitos dos livros, mas como uma ferramenta completa de ensino.

Nos anos de 1990, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) instituíram o uso dos gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa. Com essa medida, todos os livros didáticos da área passaram a utilizar todo tipo de gênero, entre eles os Quadrinhos, notadamente as tirinhas, em grande escala. Isso comprova que, quando bem utilizado, esse gênero faz parte da construção do cotidiano da nossa sociedade.

Hoje são muitas as iniciativas de se utilizar Quadrinhos para ensinar conteúdos como Física, Química e Geografia. Também são muitos os estudos científicos que comprovam a eficácia da linguagem dos Quadrinhos no processo de ensino. “A interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em Quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos isoladamente teria dificuldades para atingir.” (VERGUEIRO *et al.*, 2004, p. 22).

Uma das questões apontadas pelos autores que tratam dos Quadrinhos em sala de aula é a seleção das obras de acordo com a faixa etária de cada ciclo do ensino. Levando em consideração os Quadrinhos como um gênero narrativo que pode contar todos os tipos de histórias, passando por temas do universo infantil, jovem e adulto, livre de censuras e com toda a liberdade poética que qualquer arte narrativa possui, é fácil chegar à conclusão de que, para a utilização dessas histórias em propostas de ensino, sejam elas oriundas das bancas ou de livrarias, é preciso haver um rigoroso critério de seleção.

(...) talvez o ponto fundamental dessa seleção esteja ligado à identificação de materiais adequados – tanto em termos de temática como de linguagem utilizada –, à idade e ao desenvolvimento intelectual dos alunos com os quais se deseja trabalhar, atentando-se a que a primeira não é necessariamente um condicionante da segunda. (VERGUEIRO *et alli.*, 2004, p. 27)

Segundo os estudos atuais sobre a utilização dos Quadrinhos como ferramenta didática, o maior responsável pela seleção da história ou trecho de história que será utilizado em sala deve ser o professor, pois é ele que tem a preparação necessária e tem em mente os objetivos educacionais que deseja alcançar.

Contudo, os governos, principalmente o governo brasileiro, realizam iniciativas de criar nas escolas um acervo de livros à disposição dos professores, para que estes possam utilizá-los em sala de aula. Os Quadrinhos têm marcado forte presença nessas bibliotecas.

Neste caso, assim como acontece com as obras literárias, a seleção, feita pelo órgão de governo responsável, deveria tomar como critério a adequação da temática das histórias em Quadrinhos selecionadas ao ciclo de ensino para o qual essas obras estarão disponíveis, cabendo ao professor, e somente a ele, uma posterior seleção do álbum ou revista que melhor se encaixa na proposta específica da aula que virá a ministrar. Fica então clara a necessidade de que tanto o professor quanto o órgão governamental responsável estejam devidamente capacitados para fazer tais avaliações.

### **O Caso *Dez na Área***

A polêmica em torno da disponibilização do álbum “Dez na Área, Um na Banheira e Ninguém no Gol” para alunos do terceiro ano do ensino fundamental de escolas públicas de São Paulo representa um eco do preconceito desenvolvido desde os anos em que Frederic Wertham publicou seus primeiros manifestos contra os Quadrinhos nos Estados Unidos.

Após a veiculação, no dia 19 de maio de 2009, pelo jornal Folha de São Paulo, da matéria intitulada “SP distribui a escolas livro com palavrões”, e assinada pelo jornalista Fábio Takahashi, houve o interesse da mídia nacional pelo caso.

A repercussão levou o governador José Serra a conceder, no mesmo dia, uma entrevista ao programa SPTV Primeira Edição, da TV Globo. Na entrevista, apesar de ter admitido a falha da sua Secretaria de Educação na seleção dos livros que seriam comprados para as escolas, o governador desviou do assunto, desqualificando o conteúdo do álbum “Dez na Área, Um na Banheira e Ninguém no Gol”, dizendo tratar-se de uma obra de “muito mau gosto”.

Os repórteres que promoviam a entrevista demonstraram total desconhecimento a respeito da variedade de temas que podem ser abordados pelas histórias em Quadrinhos, sendo coniventes com a estratégia evasiva do político.

Em entrevista concedida ao portal de notícias do provedor Terra, em 25 de maio, o organizador do álbum, Orlando Pedroso, defendeu a qualidade da obra, que conta com nomes de quadrinistas premiados como os irmãos Fábio Moon e Gabriel Ba: “Desde quando foi lançado em 2002, logo após a Copa do Mundo, o livro teve críticas elogiosas e sempre esteve dentro do perfil correto de estar ao alcance de adultos que gostam de futebol”.<sup>6</sup>

A edição noturna do programa SPTV começava com a frase: “As histórias são em Quadrinhos, mas o conteúdo não tem nada de infantil”. Essa frase demonstra o despreparo dos profissionais do programa citado ao elaborar suas matérias. “É um discurso que enxerga a linguagem como feita exclusivamente para crianças”, diz Vergeueiro (ano).

Em favor de uma abordagem sensacionalista, alguns órgãos da imprensa negligenciam a qualidade da informação transmitida, contribuindo para a manutenção, neste caso, de um preconceito que vem sendo combatido há mais de cinquenta anos por profissionais ligados ao segmento dos Quadrinhos.

A polêmica girou em torno dos palavrões, alusões ao sexo e menções à facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) contidas na coletânea “Dez na Área”. O caso culminou com o recolhimento de todos os exemplares do álbum que seria disponibilizado em salas de leitura.

A aquisição de 1.260 exemplares da obra, encomendados à editora Via Lettera, estava entre o lote de 818 títulos comprados pelo programa Ler e Escrever do Governo de

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://noticias.terra.com.br/educacao/interna/0,,OI3781777-EI8266,00-Organizador+de+livro+com+palavroes+repudia+fala+de+Serra.html>. Acesso em 19/08/2009.

São Paulo, que faz parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que teve início em 1997, com o objetivo de formar bibliotecas escolares em todo o país. A partir de 2006, estes programas passaram a incluir Quadrinhos entre as obras selecionadas.

Uma sindicância foi aberta pelo Governo de São Paulo para apurar as falhas na seleção dos títulos. A investigação demonstrou que os responsáveis pela triagem dos títulos de história em Quadrinhos para o PNBE julgaram, sem uma leitura prévia das obras, que o material seria adequado ao público infantil apenas por se tratar do gênero Quadrinhos.

Tal atitude demonstra desconhecimento da gama de temas passíveis de serem abordados através dos Quadrinhos. Este desconhecimento também foi demonstrado pelos jornalistas e pelo governador José Serra, que abordaram o tema de forma preconceituosa.

Outros casos de erro de adequação do conteúdo ao público leitor, Página: 7 cometidos pelo mesmo programa, foram os dos álbuns “Um Contrato com Deus e Outras Histórias de Cortiço”, “O Sonhador” e “O Nome do Jogo”, os três de autoria do aclamado autor de Quadrinhos, Will Eisner.

A inadequação do álbum “Um Contrato com Deus e Outras Histórias de Cortiço” foi denunciada por uma diretora de escola de Ferraz de Vasconcelos, cidade da Grande São Paulo, que percebeu que a obra foi disponibilizada para alunos do sexto ano, com cerca de 11 anos de idade.

Após receberem várias notas de repúdio de pessoas ligadas aos Quadrinhos, os mesmos apresentadores do telejornal SPTV Primeira Edição<sup>7</sup>, Carla Vilhena e César Tralli, em matéria a respeito do álbum do quadrinista Will Eisner, esclareceram: “A gente quer deixar bem claro que está discutindo se uma leitura é adequada ou não para os meninos, nós não estamos falando da qualidade dos livros. A liberdade de expressão, que fique bem claro, é fundamental”.

## **Conclusão**

As histórias em Quadrinhos feitas no Brasil têm seguido uma tendência mundial de diversificação do conteúdo, atingindo os mais variados públicos. Já passou o tempo em que Quadrinhos era sinônimo de aventuras infantis. Hoje qualquer tema pode ser trazido para o universo dos Quadrinhos.

---

<sup>7</sup> Telejornal SPTV Primeira Edição, veiculado no dia 02/06/2009 . Disponível em: [www.globo.com](http://www.globo.com)  
Acesso em 29/07/2009.

A entrada de álbuns de Quadrinhos nas prateleiras das livrarias também tem ajudado na renovação da imagem desse gênero perante a população. Tanto os pais quanto os filhos podem encontrar bons títulos nessas prateleiras. A comercialização em bancas de revista continua forte e atendendo à demanda do público jovem, mas esse não é mais o único local onde podemos comprar Quadrinhos.

A mudança de perspectiva dos educadores a respeito desse gênero tem contribuído para a formação de uma nova geração de leitores, que irão crescer dentro deste cenário diversificado de temas. Para isso, o governo tem cumprido um importante papel na inserção de álbuns de Quadrinhos nas bibliotecas das escolas.

Essa jornada de expansão vivida pelos Quadrinhos nacionais não pode ser comprometida por polêmicas infundadas, alimentadas pela falta de conhecimento de alguns setores da sociedade. É preciso que estejamos atentos aos preconceitos veiculados nas entrelinhas de discursos políticos e nas manchetes da imprensa sensacionalista.

Também é importante que cobremos responsabilidade às pessoas que lidam com essas políticas públicas educacionais. É necessário ter educadores e pesquisadores capacitados da área da Educação, que mantenham um diálogo saudável com quadrinistas e editores, envolvidos nessas políticas, para que elas sejam implantadas de maneira a contribuir tanto com o ensino quanto com os anseios do gênero.

Tanto na polêmica que envolveu o caso “Dez na Área”, quanto na caça às bruxas gerada por Frederic Wertham nos anos de 1950, existiu uma preocupação legítima com a educação das crianças. Contudo, a desqualificação ou a censura de um gênero narrativo não é a solução para o problema do acesso dos jovens a um conteúdo inadequado.

A diversificação temática e a inserção dos Quadrinhos em novas vitrines pedem uma mudança no que tange à comunicação desse gênero com cada público ao qual se destina. Nesse sentido, as editoras de Quadrinhos podem seguir o exemplo de outros gêneros que descobriram há muito tempo a importância de se adotar uma classificação etária para suas produções. É o caso do cinema, da televisão e da própria literatura de ficção, que hoje recebe os Quadrinhos como seu vizinho de prateleira.

Não queremos dizer com isso que a classificação etária é a solução para casos como o de “Dez na Área”. Esperamos ter sido enfáticos ao apontar as reais causas da polêmica que envolveu esse álbum. A classificação etária é apenas uma sugestão, suscitada por esta pesquisa, para que os Quadrinhos continuem sua jornada de expansão como gênero. Essa mudança pode influenciar também a percepção do público a respeito

dos Quadrinhos, contribuindo para que este público possa, no futuro, cobrar responsabilidade dos órgãos governamentais e estar alerta aos preconceitos veiculados na imprensa.

## Referências

LUYTEN, Sonia. **O que é história em quadrinhos?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

VERGUEIRO, Waldomiro. O Uso das HQs no Ensino. In. RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; BARBOSA, Alexandre (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos nas salas de aula.** São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. O óbvio: quadrinhos não são só para crianças. In: Jornal **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://casadosquadrinhos.blogspot.com/2009/05/obvio-quadrinhos-nao-sao-so-para.html>. Acesso em 02/08/09.

Telejornal SPTV Primeira Edição, veiculado no dia 02/06/2009. Disponível em: [www.globo.com](http://www.globo.com). Acesso em 29/07/2009.

Portal Terra Notícias. Disponível em, <http://noticias.terra.com.br/educacao/interna/0,,OI3781777-EI8266,00-Organizador+de+livro+com+palavroes+repudia+fala+de+Serra.html>. Acesso em 19/08/2009

Revista Superinteressante, edição 201, de junho de 2004. Disponível em: [http://super.abril.com.br/superarquivo/2004/conteudo\\_124555.shtml](http://super.abril.com.br/superarquivo/2004/conteudo_124555.shtml). Acesso em 15/08/2009.

## Revistas

PEDROSO, Orlando. Dez na área, um na banheira e ninguém no gol. São Paulo: Ed. Via Lettera, 2002.

ESINER, Will. Um contrato com Deus. São Paulo: Ed. Devir, 2007.